

Eurides Brito da Silva

A responsabilidade do cargo que exercemos e a nossa formação acadêmica não nos permitem licença literária nem analisar problemas e soluções de forma simplista. Não temos o direito de confundir a comunidade, passando-lhe a impressão de um otimismo ingênuo ou de um pessimismo com sabor de catástrofe. Em nossa área de especialização acadêmica — a Educação Comparada — a explicação de dados é feita em termos relativos, de forma contextualizada, identificando falsas evidências e interpretando os fatos segundo parâmetros sócio-econômicos, históricos e culturais. Não se pode perder de vista, na análise de questões educacionais, nem a abrangência espacial nem a verticalidade temporal. Nosso realismo, saudável e isento, nos leva a considerar meio cheia uma garrafa contendo líquido até a metade, ao invés de considerá-la meio vazia.

Tais considerações nos ocorrem ao ler em artigo, pela segunda vez, a menção ao que o autor considera retorno difícil às aulas. Repetimos, também, as explicações pelo nosso compromisso de informar a comunidade com exatidão e objetividade.

Começa o articulista por assinalar que sete mil 200 dos cerca de 450 mil alunos ainda estarão sujeitos ao horário reduzido do chamado turno da fome. Esse número, que representa menos de 2% do alunado da rede pública de ensino, em vez de ser desesperador (apesar de lamentável), representa uma conquista de nossa administração. Trata-se de um resíduo de alunos ainda no turno intermediário, que seria muito maior não fosse a construção de 388 salas

de aula, em 1993, às quais se somarão, em 1994, 106 novas salas de aula.

Em comparação intranacional, um dos objetos da Educação Comparada, fomos procurar informações sobre a existência dos "turnos intermediários" e de suas condições de funcionamento em algumas das maiores capitais do País, cujas prefeituras enfrentam os mesmos problemas urbanos de crescimento populacional das periferias e de escas-



7601 DAVMS 51
CORREIO BRAZILIENSE

sez de recursos financeiros com que se debate o Distrito Federal. Esses dados, que não foi difícil coletar, mostram o lado obscuro dos sistemas de ensino, que todos nós, gestores, lamentamos. Só nos ficou o conforto de que a situação do DF é bem mais amena e de solução mais à vista do que em outras Unidades da Federação. Afinal, das 543 unidades escolares, apenas 20 abrigam hoje o turno intermediário. Como se vê, a garrafa está meio cheia.

Quanto ao livro e aos materiais didáticos, também temos o que festejar. No ano de 1993, os livros da Fundação de Assistência ao Educando (FAE), do Ministério da Educa-

ção, só puderam chegar às escolas de ensino fundamental, para as quatro primeiras séries de todo o País, no mês de agosto.

Em 1993, não houve distribuição de livros pela FAE. Neste ano de 1994 foi a primeira vez, em uma década, que os livros "esperaram" os alunos, pois chegaram à escola, antes do início das aulas, 473 mil 190 livros para as quatro primeiras séries (dois por aluno).

Os kits de Ciências, nunca antes distribuídos, atenderam, na primeira semana de aula, a 70 mil alunos. Cadernos, lápis, borracha e apontador foram entregues a 341 mil 205 alunos. É para nós um excelente começo de instrumental básico, já que não podemos, ainda, colocar um computador para cada aluno. Para atendimento aos alunos nas quatro últimas séries do ensino fundamental e do 2º Grau, estamos lançando a "Feira de Troca do Livro Didático", com o expressivo slogan: "O livro que tenho pode ser o livro que você precisa". Com essa feira haverá o reaproveitamento do livro didático já utilizado em anos anteriores e o acesso do aluno ao livro será facilitado. Supriremos as carências do livro didático em sala de aula, retroalimentaremos os Bancos do Livro, além de redimensionarmos a propriedade do livro destinado ao abastecimento das escolas.

Contamos com o esforço comunitário das administrações regionais, do Rotary Club, Lions Club, shoppings, bancos comerciais, rede hoteleira, escolas particulares, comércio da cidade, Sesc, Sesi, canais de tevê, jornais e emissoras de rádio.

É uma estratégia sócio-educativa de suprimento do livro didático, que, prazerosamente, anunciamos, em primeira mão, à comunidade. É a materialização de nossa filosofia de educação e de vida. Contabilizamos os ganhos, mesmo que a olhos menos acostumados ao cenário pareçam pequenos, porque analisamos a situação no contexto de um País em desenvolvimento e mergulhado numa crise multifacetada. Sempre somos. Nunca subtraímos.

Uma vez mais, a garrafa está meio cheia.

■ Eurides Brito da Silva é secretário de Educação do DF